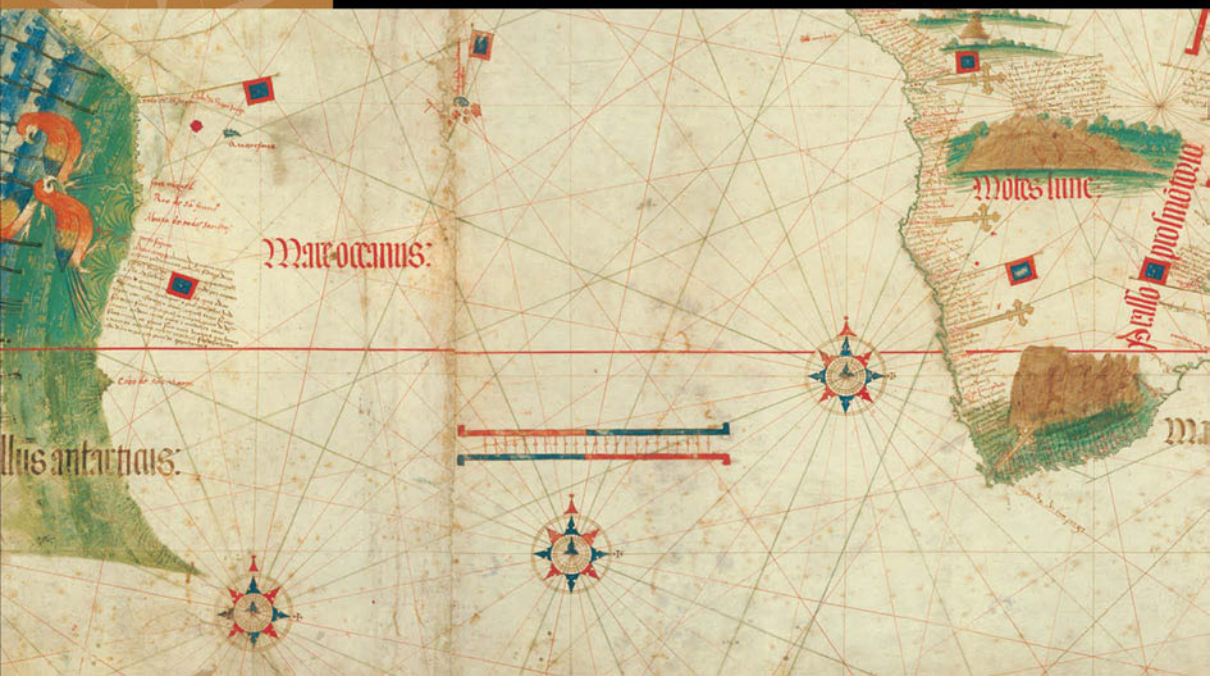




PORTUGAL

O Pioneiro da Globalização

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES / TESSALENO DEVEZAS





OS AUTORES

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES, 55 anos, é editor dos portais *www.janelanaweb.com* (lançado em 1995) e *www.gurasonline.tv* (trilingue, lançado em 2000) e do blogue de geopolítica *http://geoscopio.tv* (2006). É colaborador do semanário português *Expresso* desde 1983 e coordenador da *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*. Foi fundador e editor, nos anos 1980, da revista *Futuro*. É coordenador editorial da editora Centro Atlântico e co-autor de diversos livros em português (editados pela Quarta Vaga, Centro Atlântico e INDEG), inglês (Prentice Hall) e castelhano (Pearson Educación).



TESSALENO CAMPOS DEVEZAS, 60 anos, é Professor Associado com Agregação no Departamento de Engenharia Electromecânica da Universidade da Beira Interior. Licenciado em Física, em 1969, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, doutorou-se, em 1981, pela Universidade Erlangen-Nuremberga em Engenharia de Materiais. Coordena, na UBI, o Grupo de Trabalho em Previsão Tecnológica e Teoria da Inovação e é membro do Corpo Consultivo do periódico *Technological Forecasting & Social Change*. Foi galardoado, em 2004, com a Medalha de Kondratieff, atribuída pela Academia Russa de Ciências Naturais, pelo seu conjunto de trabalhos sobre as Ondas de Kondratieff. Tem cerca de 50 trabalhos publicados em revistas internacionais e é editor do livro *Kondratieff Waves, Warfare and World Security* (IOS Press, 2006).



A 'MATRIZ' ESQUECIDA, O ADN ADORMECIDO

Uma viagem em 360 páginas sobre o que há em comum entre a grande transição dos séculos XIV a XVI e o que vivemos no passado recente e o que poderá emergir neste século.

Um regresso à «matriz das Descobertas» fundadora da diferença portuguesa no Mundo. A mais antiga «Agenda de Lisboa», aqui revisitada.

Este livro dirige-se a cinco tipos de leitores:

- aos jovens, como complemento à História que aprendem no ensino formal e como mensagem para reflexão;
- ao amador de História que há em todo o cidadão comum, contaminado pelo espírito de um passado único, hoje esquecido pela historiografia oficial e pelos *media*;
- aos profissionais e estudantes de geoestratégia e de relações internacionais, sugerindo uma nova visão sobre a originalidade portuguesa na globalização;
- aos profissionais e estudantes dos ciclos económicos, introduzindo uma ferramenta de análise aplicável à História económica e à previsão e prospectiva;
- ao investigador, como sugestão de pistas para pesquisas futuras e polémica saudável.

PORTUGAL

O Pioneiro da Globalização



Jorge Nascimento Rodrigues
Tessaleno Devezas



PORTUGAL

O Pioneiro da Globalização

Editor

Centro Atlântico

Colecção

Desafios

Autores

Jorge Nascimento Rodrigues

Tessaleno Devezas

Coordenador editorial

Jorge Nascimento Rodrigues

Revisão e copydesk

Catarina Nascimento Rodrigues

Capa e paginação

António José Pedro

Imagem de capa

A imagem do 'Mapa de Cantino' é utilizada sob concessão do "Ministero per i Beni e le Attività Culturali" de Itália.

Impressão e acabamento

Papelmunde – SMG, Lda

1.ª edição: Maio de 2007

ISBN: 978-989-615-042-6

Depósito Legal: 258698/07

© Centro Atlântico, Lda., 2007

Av. Dr. Carlos Bacelar, 968 – Esc. 1-A

4764-901 V. N. Famalicão, Portugal

Rua da Misericórdia, 76

1200-273 Lisboa, Portugal

Tel. 808 20 22 21

geral@centroatlantico.pt

www.centroatlantico.pt

Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda.

Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

Ao Professor George Modelski,
cientista político e fundador da teoria
dos ciclos longos hegemónicos, justa
homenagem à sua sabedoria e
passado criativo inserido no presente.



À geração dos jovens portugueses
nascidos nesta transição de milénio,
actores, gestores e decisores pelo ano 2030,
como uma mensagem de saber a inserir no futuro.

Agradecimentos



Os autores agradecem à Fundação Calouste Gulbenkian, à Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, à Cisco Systems Portugal, à Global Change Consultores Internacionais Lda. e à Fundação Oriente pelos apoios à publicação e divulgação deste livro. Agradecem à Dr.^a Manuela Bairos, Cônsul-Geral de Portugal em Boston, pelo convite para a apresentação do livro durante a realização do 2007 Boston Portuguese Festival. Os autores agradecem, também, as contribuições dos Historiadores Adriano Vasco Rodrigues e Vasco Graça Moura, dos Professores Carlos Zorrinho e Mário Murteira, bem como do general José Manuel Freire Nogueira pelos seus «Olhares», que publicamos em *portfolio*. Finalmente, agradecem ao Editor pelo seu incentivo desde o primeiro momento do projecto à conclusão desta obra que julgamos faltar na estante do leitor de língua portuguesa.

O autor Tessaleno Devezas deseja expressar a sua gratidão, em primeiro lugar, aos Engenheiros Ricardo Manuel Costa da Silva e João Carlos Fragoso Guerra que, em 1999, ainda como alunos da disciplina de Técnicas de Previsão do curso de Engenharia da Produção e Gestão Industrial da UBI, num trabalho de investigação para a disciplina, obtiveram o primeiro gráfico para medir a «*intensidade de actividade dos portugueses durante as Descobertas*», o que originou a motivação para investigar mais a fundo o tema, de que resultaram algumas publicações internacionais e este livro. Ao amigo Prof. Doutor Fernando Carvalho Rodrigues agradece pelos ricos diálogos e incentivo, e por chamar à atenção para o facto dos Biombos Namban representarem a primeira ‘fotografia’ da Globalização e do Atlas de Lázaro Luís, conter o primeiro mapa detalhado das ilhas nipónicas, já usando o nome actual Japão. Finalmente, à sua esposa Vanda, pelo constante apoio revelado através da sua inconfundível alegria de viver e espírito de companheirismo.

O autor Jorge Nascimento Rodrigues expressa, na contribuição para este livro, a sua enorme dívida a José Gonçalves, já falecido, um Professor de História de excepção, que, no princípio dos anos 1960, no Liceu de Leiria, motivou centenas de alunos para a paixão por esta disciplina essencial.

Índice



Prefácio (pág. 13)

Introdução (pág. 17)

O conteúdo do livro • A globalização • A Motivação

Capítulo I

Globalização e Sistema Mundial (pág. 27)

O sistema mundial segundo Wallerstein • As Ondas de Kondratieff • PAINEL I – Representação esquemática de uma onda de Kondratieff (pág. 33) • O sistema mundial segundo Modelski • Os Sectores Líderes e as Potências Mundiais • PAINEL II – As quatro ondas K desde o advento da Revolução Industrial (pág. 41) • PAINEL III – Ciclos Longos das Potências Mundiais (pág. 44) • 5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE (pág. 45)

Capítulo II

A Construção de Sistemas – Um Processo de Aprendizagem (pág. 47)

Os Inovadores • A diferença entre Técnica e Tecnologia • PAINEL IV – Construção de Sistemas (pág. 51) • A vertente científica das Descobertas • A taxa de aprendizagem • 5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE (pág. 57)

Capítulo III

Crónica da Ascensão e da Queda da Globalização Portuguesa (pág. 59)

A Sereníssima vítima • PAINEL V – A prenda secreta dos «Dragões Navegadores» (pág. 62) • A tenaz sobre o coração muçulmano • Em vão em busca do 'Preste João' • A carta papal do imperialismo • PAINEL VI – O Infante do chapéu preto (pág. 70) • O 'Maquiavel' das Descobertas • PAINEL VII – Os Espiões d'El-Rei (pág. 75) • O 'desvio' de 270 léguas • PAINEL VIII – O enigma de Colombo (pág. 80) • O mundo depois de 1488-1492 • O estrategista vestido de 'merceeiro' • O debate sobre o conceito de Império • O marketing do elefante branco e do rinoceronte • Lisboa de passagem •

O começo do recuo estratégico • O que ‘matou’ o Império do Oriente •
A última cruzada • A monarquia dual ibérica • 5 IDEIAS-CHAVE
RAPIDAMENTE (pág. 99)

Capítulo IV

Os Portugueses como Construtores de Sistemas (pág. 103)

O Ambiente Técnico-Científico da Fase I • O Ambiente Técnico-Científico da Fase II • PAINEL IX – O Ciclo Longo de Portugal (CL 5) em síntese. A 1.^a Fase das Descobertas (pág. 113) • A Análise Quantitativa • PAINEL X – O Ciclo Longo de Portugal (CL 5) em síntese. A 2.^a Fase das Descobertas (pág. 122) • PAINEL XI – A Expansão Portuguesa (pág. 130) • O Mecanismo das Ondas • Desvios da História • PAINEL XII – O Mapa de Cantino (pág. 137) • PAINEL XIII – Os Criadores do Comércio Internacional (pág. 141) • 5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE (pág. 145)

Capítulo V

A «Matriz das Descobertas» (pág. 147)

Do sapateiro-poeta ao publicitário-poeta • O ‘lado errado’ da Expansão • O fim dos Príncipes do Renascimento • A saudade imperial • A questão da «feição atlântica» • PAINEL XIV – A doutrina da «jangada» (pág. 157) • PAINEL XV – Matriz das Descobertas (pág. 159) • 5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE (pág. 161)

Capítulo VI

Crónica do Fim da Mais Velha Aliança do Mundo (pág. 163)

O estigma da nova dinastia • PAINEL XVI – A factura holandesa e a infra-estrutura *soft* do novo ciclo (pág. 166) • Os golpes cirúrgicos dos holandeses • Uma *commodity* geopolítica com nome de mulher • A «vaca leiteira» de Minas Gerais • A condição de «zona de embate» • A força do *soft power* • Dois eventos «tectónicos» • A manobra «assimétrica» do ‘Rei Poltrão’ • O erro geoestratégico dos liberais • PAINEL XVII – Como nasceu um BRIC (pág. 182) • O «vento imperialista» sopra sobre o Mapa Cor-de-Rosa • A crise do *ultimatum* • O último Bragança no dealbar da geopolítica • A *realpolitik* dos «intransigentes» • O *casting* para ditador • 5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE (pág. 194)

Capítulo VII

O Fim do Império e o Regresso à Dimensão Europeia (pág. 197)

Os ziguezagues dos anos 1930 • A dupla viragem de 1943 • As cartas a Franco e o pedaço de papel de Churchill • O bi-hegemonismo cerca a Europa • O estatuto de «exceção» • O «ano negro» de 1961 • O asfalto no Atlântico e a manha «assimétrica» do ditador • O ano da queda da cadeira • O ano de passagem e a contagem decrescente • A teoria da vacina kissingeriana • A última batalha no *shatterbelt* ocidental • O sentido de «cais» • 5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE (pág. 217)

Capítulo VIII

Nova Metodologia para a Análise Histórica, Especulações sobre o Próximo Ciclo do Sistema Mundial e as Lições da História da Globalização (pág. 219)

A percepção humana e a ubiquidade dos ciclos • A história repete-se? • A lei de potência de Devezas-Modelski • PAINEL XVIII – Curva Logística da Formação do Sistema Mundial (pág. 226) • A construção de cenários • Possíveis cenários futuros • Os Quatro Factores em curso • PAINEL XIX – Para onde vai a China? (pág. 240) • Emergir na Sombra • PAINEL XX – Cenários para 2030 (pág. 249) • Lições Portuguesas • 5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE (pág. 257)

Capítulo IX

História – Factos e Datas (pág. 261)

Dinastia Afonsina • Dinastia de Aviz • Dinastia Felipina (Monarquia Dual Ibérica)

Capítulo X

Conclusões – Sugestões para o Futuro (pág. 285)

PAINEL XXI – Os Biombos Namban (pág. 290) • 5 INTERROGAÇÕES FINAIS (pág. 297)

Portfolio de Outros Olhares (pág. 299)

I. Os Descobrimentos e a Globalização Inicial *por Adriano Vasco Rodrigues* • A Era Post-Gâmica • A grande revolução comercial (pág. 300) • **II. A mais antiga Agenda de Lisboa** *por Carlos Zorrinho* • As escolhas estratégicas são decisivas • Ponto de viragem (pág. 305) • **III. A Primeira Potência Marítima Oceânica** *por José Manuel Freire Nogueira* • A preferência pela movimentação marítima • O impasse geopolítico • A surpresa técnica • Um domínio fugaz (pág. 308) • **IV. On a Slow Boat to China** *por Mário Murteira* • No centro do Mundo • O nó da questão (pág. 314) • **V. Identidade Nacional, Fim do Império e Destino Europeu** *por Vasco Graça Moura* • Olhar para outro lado • A noção de Império • Joguete no concerto das nações • A alternativa à absorção • A singularidade do processo (pág. 318)

Bibliografia (pág. 329)

Notas (pág. 335)

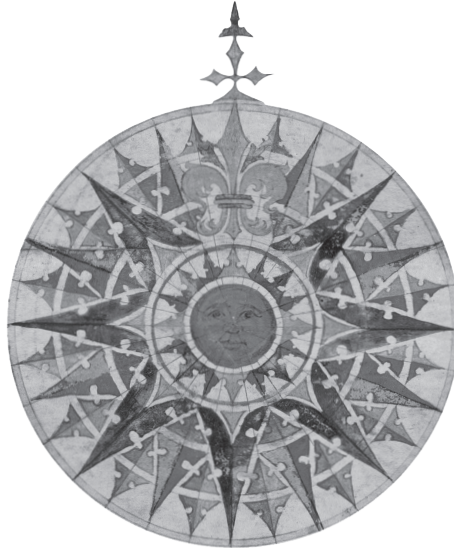
Prefácio

por João Caraça*

Portugal – O Pioneiro da Globalização



«Onde estará a nova ordem? Não se vislumbra ainda por onde anda. Ora não há nada a que o poder tenha mais horror do que ao vácuo. Por isso, nunca deixa que ele se avizinhe. Toma-o de assalto, sem qualquer cerimónia. E entrincheira-se, para o que der e vier.»



* João Manuel Gaspar Caraça é licenciado em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa (1968), doutorado em Física Nuclear na Universidade de Oxford (1973). É Director do Serviço de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian e Professor Catedrático Convidado do ISEG, onde coordena o Mestrado em Economia e Gestão de Ciência e Tecnologia.

Este é um livro corajoso. Procura demonstrar como o conceito de «abertura ao exterior» é crucial para compreendermos como ocorrem as transformações nas sociedades deste mundo.

Usando o exemplo do Portugal de Quinhentos e usando mão de ferramentas da teoria dos sistemas dinâmicos, sociologia histórica, ciências políticas, economia de inovação, biologia evolutiva, tecnologia e ambiente e filosofia da complexidade, Tessaleno Devezas e Jorge Nascimento Rodrigues obrigam-nos a reflectir sobre a situação do presente e os futuros que se avizinham.

É muito interessante ver até que ponto a influência da biologia no pensamento científico é predominante. A demografia e todas as outras ciências sociais encontram-se permeadas por conceitos cuja origem e modelos se encontram nas ciências biológicas.

Concretamente, a ideia explicativa dominante é a de que qualquer conjunto de relações e interações sociais que se desenvolve no tempo corresponde à ocupação de um nicho ecológico por uma população, regulando-se o faseamento dessa evolução por um mecanismo de difusão. Uma vez preenchido um certo nicho ecológico, a sociedade reorganiza-se e caminha até preencher um novo nicho. Comportam-se deste modo as transformações estruturais da economia no processo de desenvolvimento industrial (as ondas de Kondratieff), a introdução e uso de novas formas de energia, bem como a evolução dos meios de transporte.

A análise de todos estes sistemas é suportada por sólida evidência empírica. Mas a perspectiva pode aplicar-se igualmente a toda uma outra série de evoluções históricas, desde as revoltas contra a mecanização na agricultura à evolução da potência naval inglesa (com tempos característicos que variam de um mês a quinhentos anos).

O segredo, ou a arte, do analista/investigador social é compreender qual é o ‘nicho’ que importa estudar e qual é a sua relação com os processos sociais a montante e a jusante. Claro que a procura de uma harmonia explicativa interdisciplinar (a teoria de toda a evolução histórica) é cheia de escolhos, pois os horizontes temporais são muito diversos. Quer dizer, o tempo que importa aos economistas da inovação abarca duas gerações (50 a 60 anos), ao passo que para as ciências políticas e a sociologia inte-

ressam os 100 a 200 anos (o horizonte da ascensão e queda dos impérios e das organizações) e para a história os 400, 500 ou 1000 anos do impacto civilizacional das várias culturas. Porém, para as alterações climáticas e o ambiente, os intervalos temporais a considerar são ainda maiores.

Mas o jogo da vida não se desenvolve à dimensão das vaidades, nem das ambições dos homens. A vida tem regras que desconhecemos. Há regras que são introduzidas sem o sabermos. Há regras que são eliminadas num abrir e fechar de olhos. Vive-se, portanto, na contínua descoberta de como funcionar nas novas condições, de como aprender e apreender, a tempo, o sentido do jogo que se desenrola no quotidiano...

Embora, para nos livrarmos desta angústia, tenhamos querido submeter a natureza, a sociedade e o universo a leis universais, intemporais e eternas, enclausurando o inesperado, a realidade que os traduz irrompe ferozmente por todos os interstícios, por todos os pontos fracos, jorra de todas as pequenas nuvens que toldam o azul do firmamento.

A procura de uma ordem é que dá o sentido à vida que levamos. Mas, para que esse sentido seja evidente, temos de nos aperceber que a nova ordem é sempre resultado de uma perspectiva sobre o mundo, sobre os outros e sobre nós próprios. Uma perspectiva forjada no confronto entre os interesses que estavam em jogo e os novos interesses que emergem, trazidos pela operação segundo novas regras, internas ou externas, que passam a dirigir o jogo, até nova ordem.

O regime que, a bem ou a mal, foi imposto ao mundo nos últimos duzentos a trezentos anos, e que vigorou até ao fim da «Guerra Fria», caracterizava-se por uma visão 'atomista' das nações no mundo. Esta ordem foi-se porém alterando no decurso das duas últimas décadas, acompanhando os avanços da globalização.

Por outro lado, a população mundial cresce, atingindo mais de seis mil milhões de habitantes no início do século XXI. Onde estará a nova ordem? Não se vislumbra ainda por onde anda. Ora não há nada a que o poder tenha mais horror do que ao vácuo. Por isso, nunca deixa que ele se avizinha. Toma-o de assalto, sem qualquer cerimónia. E entrincheira-se, para o que der e vier. Quais são, pois, os contornos da ordem em que estamos mergulhados neste início do século XXI?

Muito simplesmente, contornos semelhantes aos que existiam antes da ordem anterior: os da força do mais violento, os do terror do mais forte. Ou seja, impera, de novo, a lei da selva.

Não interessa discutir se é melhor ser um pobre globalizado, se um excluído da globalização. Nem se a culpa do subdesenvolvimento reside na globalização ou na incapacidade de os próprios se globalizarem. Com certeza, o mundo não melhora se todas as comunidades se fecharem aos argumentos dos parceiros, impedindo uns, rejeitando outros, a utilização dos meios tecnológicos à disposição para garantir a sobrevivência de uma população humana a caminho dos oito mil milhões em 2020! E com uma alteração climática no horizonte, que não permite que a excluamos de nenhum plano estratégico para o futuro.

A análise das séries recentes, demográficas, económicas e estruturais, indica que a globalização da economia e das finanças corresponde a um nicho ecológico que será inevitavelmente preenchido no intervalo de duas gerações. Quer dizer, a configuração que emerge a partir da década de 1980 esgotar-se-á com toda a naturalidade nos anos 2030. Seguir-se-á, se não acontecer entretanto nenhuma catástrofe de dimensões planetárias, um novo processo de desenvolvimento baseado em novos sectores de ponta e novos ou renovados líderes tecnológicos e geo-estratégicos.

Importa tomar consciência deste facto. As civilizações que se sucederam, no nosso Planeta, foram afirmações inequívocas de um renegar dos imperativos da selva. Cada uma à sua maneira, no seu contexto, organizando as suas gentes nos tempos e nos espaços de que dispunham. Gerando códigos de conduta moral, princípios e regras quanto aos costumes e valores que as guiaram na construção material e social que as caracterizaram.

A nossa época só é singular por ser a nossa e por sermos nós a sentir a incerteza deste dever. Igualmente, as soluções de futuro que conseguirmos encontrar serão inequivocamente as nossas. Ficarão a fazer parte do património comum da humanidade, para os vindouros.

O contributo de Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas para criar um clima de discussão séria sobre as possibilidades de surgimento de uma nova cultura planetária, tão esperançosa como foi a da Modernidade, é de louvar. Tenho a certeza de que o leitor lhes ficará reconhecido.

Introdução

Portugal – O Pioneiro da Globalização



*«Ele começa: “Ó gente, que a natura / Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande ou que ventura / Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura, / Vir do longínquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados, / A Reinos tão remotos e apartados.»*

LUÍS VAZ DE CAMÕES **Os Lusíadas** (1572), Canto VII, 30



Este livro tem um ponto de partida – demonstrar que Portugal foi a primeira potência no Mundo a desencadear o processo hoje conhecido por *Globalização*, um conceito actualmente tão discutido, e tão mal entendido, nos mais diversos círculos académicos e não académicos.

A meta deste livro é mostrar que o pioneirismo português de Quinhentos não é um mito criado por alguns entusiastas dos Descobrimentos. A novidade consiste no facto de que não é baseado apenas em argumentos e factos históricos, como já o fizeram abundantemente com todo o rigor outros autores, que serão referenciados ao longo dos capítulos deste livro, mas também, e principalmente, em modelos de base científica, fazendo uso, inclusive, de princípios físicos e ferramentas matemáticas, como nunca antes foi feito publicamente.

Por isso, a descrição destes modelos de base científica estará ao alcance do público leigo nestas matérias. Mas, também, por outro lado, não pretendemos que o livro se torne monótono e simplista para os leitores versados nas lides da ciência e da matemática. Uma das razões porque esperamos abranger um tão vasto leque de leitores é o aspecto inovador das abordagens descritas nos capítulos que se seguem, na sua maioria ainda não publicadas em língua portuguesa.

O conteúdo do livro

Os modelos de base científica referidos acima são expostos de forma sucinta, e o mais ‘leve’ possível, nos dois primeiros capítulos de abertura: «Capítulo 1 – Globalização e Sistema Mundial» e «Capítulo 2 – A Construção de Sistemas, um Processo de Aprendizagem». Apesar de ser um começo um pouco ‘duro’ para alguns leitores, torna-se indispensável para se entender a complexidade do que se trata quando se fala de globalização, de «hegemonismo», de luta entre potências mundiais e de janelas de oportunidade para o seu surgimento, queda ou incapacidade de afirmação.

No Capítulo 3 – «Crónica da Ascensão e da Queda da Globalização Portuguesa» – é feita uma análise histórica da expansão portuguesa, sob uma óptica geoestratégica compreensível para leigos, que fornecerá o pano de fundo factual e temporal para a demonstração do pioneirismo de Quinhentos, bem como do início do período de declínio posterior a meados

do século XVI. Depois da ‘dureza’ do contexto científico da compreensão destes fenómenos mundiais, o livro ‘desce’, neste capítulo, a uma passagem rápida sobre 200 anos de História. Muitos dos factos são conhecidos do leitor português, que se recordará deles do que aprendeu na escola ou do que, por vezes, ouve em programas televisivos – só que, neste livro, a História é ‘filtrada’ por um conjunto de palavras-chave, como estratégia de potência, intento global, projecção global, dilema da «sobre-extensão», etc... As figuras que sobressaem nessa viagem no tempo, nomeadamente o Infante Henrique (conhecido como «O Navegador») e o monarca, seu sobrinho-neto, João II (cognominado «O Príncipe Perfeito»), são realçadas por fazerem parte da galeria de estrategos europeus de todos os tempos. Este capítulo pretende ser mais uma achega para uma síntese estratégica da História de Portugal, na linha do que José Manuel Freire Nogueira, major-general, fez em 2004¹.

O Capítulo 4 – «Os Portugueses como Construtores de Sistemas» – constitui a essência da demonstração pretendida e o ‘coração’ deste livro. Encontra-se subdividido em cinco partes: «O Ambiente Técnico-Científico da Fase I», «O Ambiente Técnico-Científico da Fase II», «A Análise Quantitativa», «O Mecanismo das Ondas» e «Os Desvios da História». Para os estudiosos do tema e para o leitor comum, o capítulo servirá de síntese do papel *inovador*, único, que as gerações do século XV e XVI tiveram na cena mundial, quer no plano tecnológico quer no plano estratégico. Um papel muitas vezes esquecido dentro e fora de portas.

Um dos erros históricos comuns, em muita literatura estrangeira, é subalternizar o papel desempenhado por Portugal em relação ao período dos Reis Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, em virtude do mediatismo que foi inteligentemente criado em torno da figura e das viagens de Cristóvão Colombo (personagem controversa discutida no Capítulo 3).

No Capítulo 5, formularemos um ponto de vista especulativo sobre «A Matriz das Descobertas» e a importância de nela nos inspirarmos para ‘navegar’ no contexto actual de transição. O regresso a esta ‘matriz’ contra a tentação de políticas erráticas em matéria de relações internacionais, não comunga de nenhum revivalismo herdeiro da visão integralista de um país no cantinho da Europa que teria uma qualquer «missão e consciência histórica» de emanação divina ou de um mito sebastianista de um «Quinto

Império». A nossa visão sobre a época de Quatrocentos e Quinhentos assenta no papel evolutivo de um conjunto de inovações geoestratégicas e tecnológicas e dos estrategos a elas associados. Estrategos que não mitificamos e sobre os quais não fazemos um juízo moral – sabendo bem do papel do Infante Henrique no *take-off* do comércio escravagista negreiro europeu ou do exercício de uma tirania brutal pelo monarca João II.

A «Matriz das Descobertas» de que falamos permite entender o que foi *único e original* nos portugueses de então – o improviso organizacional, o incrementalismo na formulação de uma estratégia em geometria variável ao longo de mais de um século, a saída para fora do campo de luta geopolítica estritamente europeia e a formulação de um intento estratégico global que atacava directamente, pela primeira vez num terreno mundial, o domínio das rotas do comércio internacional até então nas mãos de uma aliança entre as grandes potências do Oriente, os mercadores e governantes muçulmanos, e os mercadores e financeiros europeus (do Mediterrâneo e do Mar do Norte). Foi esta transição de um mundo quase multipolar – partilhado em geometria variável (pelas Repúblicas marítimas italianas, que lideravam então o sistema, pelos centros financeiros da Flandres, pelas rotas muçulmanas e otomanas em África, no que hoje designamos por Próximo e Médio Oriente, e na Índia, e pela grande potência do Extremo Oriente, a China, que, em 1433, abandonaria a sua estratégia de expedição marítima) – para um mundo hegemonzado pela primeira potência global, que é a grande lição da História dada pelos estrategos portugueses de Quatrocentos e de Quinhentos. É uma viragem que vai *para além* da tradicional referência a uma transição do eixo do Mediterrâneo para o Atlântico.

Nos capítulos 6 e 7, pegaremos a história portuguesa onde a deixámos no capítulo 3. Na «Crónica da queda da mais velha aliança do mundo» (Capítulo 6), retomaremos o renascimento da aliança estratégica com a Inglaterra no período do monarca João IV e da regência da rainha viúva Luísa de Gusmão até às mudanças de posicionamento durante o início do século XX. Em «O Fim do Império e o regresso à dimensão europeia» (Capítulo 7) abordamos os acontecimentos posteriores à implantação da ditadura salazarista até à adesão à CEE. A história portuguesa da dependência e das múltiplas manobras estratégicas de sobrevivência ocorridas cruza-se com os quatro ciclos longos hegemónicos que se sucederam – o holandês, dois ingleses e o norte-americano.

No Capítulo 8 – «Nova metodologia para a análise histórica, especulações sobre o próximo ciclo do sistema mundial e as lições da história da globalização», formularemos uma hipótese sobre a situação que defrontamos no século XXI. Ao fim de quase 600 anos sobre o arranque sistemático das Descobertas Portuguesas estará provavelmente em curso uma nova transição geoestratégica. O falecido André Gunder Frank falava de «re-orientação» do eixo mundial, em que o termo *orientação* deveria ser tomado à letra, ou seja, como regresso ao Oriente. Transição que é o âmago deste capítulo, onde se aborda o próximo ciclo do sistema mundial, procurando nas lições da História e nos seus padrões evolutivos sobre a ascensão e a queda das grandes potências, e levando também em consideração as alterações em curso no panorama mundial, visualizar o que teremos pela frente no período de uma geração.

No Capítulo 9 – «História – Factos e Datas», apresentamos um *timeline* dos principais eventos históricos que marcaram o processo evolutivo da expansão portuguesa, duas centenas dos quais foram escolhidos para medir a «intensidade de actividade» dos portugueses durante os Descobrimentos e que serviram para a análise quantitativa apresentada no Capítulo 4.

Finalmente, no Capítulo 10 – «Conclusões – Sugestões para o Futuro», é apresentada uma selecção das principais lições a inferir de toda a análise apresentada ao longo dos diferentes capítulos, que poderá servir de orientação para as gerações futuras, ou seja, usando as palavras da dedicatória, «*uma mensagem de saber a inserir no futuro para aqueles que, como actores, gestores e decisores pelo ano de 2030*», estarão de alguma forma influenciando os destinos da nação.

Completamos estes 10 capítulos com um *portfolio* de «Outros Olhares», onde daremos voz a um conjunto de olhares de especialistas, que deixarão o leitor com mais pistas de reflexão, e cujas contribuições integrais poderão ser consultadas na Web, em www.centroatlantico.pt/globalizacao .

Encerra-se o livro com uma listagem da bibliografia usada pelos autores e com uma sequência de notas divididas segundo os diferentes capítulos, também ricas em referências bibliográficas, que poderão ser úteis aos leitores interessados em aprofundar os conhecimentos. Para os leitores familiarizados com as lides da matemática, estará disponível no sítio do livro na Web mencionado acima uma breve descrição das curvas logísticas

e das suas propriedades, que foram usadas para a análise quantitativa no Capítulo 4.

A globalização

Ainda a título de introdução, é preciso destacar dois temas de debate actual que serão transversalmente focados: o conceito evolucionista de *Globalização* usado nesta análise e o papel fundamental das inovações (tecnológicas, comerciais e estratégicas) como agentes do desenvolvimento social e da emergência das potências mundiais.

O primeiro uso do adjectivo global apareceu em 1892 nas páginas da revista *Harper's Magazine* (edição de Setembro)² e em 1961 o termo globalização entrou (em inglês) no dicionário Webster, acabando por destronar, nos anos 1970, a expressão francesa mundialização.

O discurso sobre a *Globalização* ganhou ímpeto e forma sustentada em meados dos anos de 1960 e durante os anos de 1970, quando se vulgarizou a expressão *Aldeia Global* (muito usada pelo autor e filósofo canadiano Herbert Marshall McLuhan, particularmente no seu livro de 1968, escrito com o *designer* gráfico Quentin Fiore) para designar o sistema global de comunicações então em plena expansão.

Nos dias de hoje, *Globalização* é o termo preferido para designar a nova era de «world affairs», consolidada após o fim da Guerra-Fria – transformando-se, mesmo, numa *buzzword*.

Há um certo consenso de que não existe uma definição universalmente aceite para o termo. Mas, por outro lado, o conceito impôs-se crescentemente no cenário mundial, pois traduz o sentimento de que grandes transformações estão a caminho e de que necessitam ser melhor entendidas, pois os seus efeitos afectam todas as camadas da sociedade humana, não apenas consideradas a nível planetário, mas também nacional e local.

Hoje há mais de 5 mil títulos publicados sobre o tema, a palavra conta com várias entradas na Wikipedia em diversas línguas e surge com cerca de 80 milhões de referências no Google em apenas quatro línguas (inglês nas duas variantes, castelhano, português e francês, por ordem decrescente de número de resultados de pesquisa).

Não cabe aqui, nem é nosso objectivo, trabalhar sobre a definição, ou mesmo compreensão, do termo e do conceito, mas é importante que fique claro que a abordagem neste livro considera a *Globalização* como um *processo evolutivo*, irreversível, multidimensional, com um forte componente histórico a longo-prazo e, finalmente, transformacional.

Existem outras escolas de pensamento mais restritas, olhando o fenómeno da *Globalização* como institucional ou uma consequência da interconectividade global. Mesmo uma definição aparentemente ampla, como a avançada pelo *National Intelligence Council* (EUA, 2004) – «*Globalização designa a crescente interconectividade reflectida nos intensos fluxos de informação, tecnologia, capital, bens, serviços e pessoas através do mundo*» –, parece-nos muito estreita para a multidimensionalidade do processo evolucionista que representa o fenómeno.

Como poderá ser observado nos modelos apresentados, o fenómeno da *Globalização* é um *processo* no tempo e, portanto, é também um *processo* histórico e a sua compreensão requer uma *viagem para trás* no tempo, quando emergiram as rotas da seda através da Eurásia e os projectos de um império mundial de Gengis Khan (1165-1227) e dos seus sucessores mongóis no século XIII. Um processo que se tornou mais evidente nos séculos seguintes, aquando do início da aventura atlântica liderada por Portugal, que concebeu o primeiro projecto global de expansão que viria a «dar novos Mundos ao Mundo» – como disse Luís Vaz de Camões – e forjar a génese do Mundo Moderno.

A *Globalização* é um produto desse Mundo Moderno. Apesar de não haver, entre os economistas, um pensamento único a propósito dos movimentos da *globalização* económica, os estudos mais recentes apontam para três vagas nos últimos cinco séculos e meio.

A primeira vaga teve a ver precisamente com as consequências das viagens oceânicas iniciadas pelos portugueses no início do século XV. É a partir dos «achamentos» e «descobertas» que o termo «comércio internacional» começa a fazer sentido – passou a ser efectivamente global, abarcando quatro continentes. Leo Huberman, no seu estudo clássico sobre «A Riqueza do Homem»³, considerou esse período uma verdadeira «Revolução Comercial», algo que não sucedera nos tempos do Império Mongol ou da Era de Ouro do Mediterrâneo, com as Repúblicas Marítimas italianas.

A construção de um *portfolio* evolutivo de *commodities* passou a ter como placa giratória o pequeno rectângulo periférico da Europa. Primeiro a partir de Lagos, por iniciativa do Infante Henrique, com a criação da Casa da Guiné, em que se assistiu ao disparo do ignóbil comércio de escravos e ao surgimento de uma nova rota do ouro. Também o cultivo da cana-de-açúcar na Madeira, a partir de 1452, traria um novo segmento de negócio. O monarca João II decidiria, depois, a passagem da Casa Comercial para Lisboa e a sua mudança de nome para Casa da Mina. Com a viagem de Vasco da Gama à Índia, onde aportou em 1498, as especiarias fariam a sua entrada triunfal, por intermédio do Tejo. Nascia, já em tempos do rei Manuel I, a Casa da Índia nos baixos do Palácio da Ribeira, em Lisboa. A pimenta, por exemplo, começou a ser vendida para toda a Europa a partir da Baixa Lisboaeta, em 1503.

Gomes Eanes de Azurara (1453), na sua **Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné**, diria que a expansão juntou dois ingredientes fundamentais: o impulso para o então desconhecido para «aver de todo manifesta certidão» e o chamariz de «muitas mercadorias que haveriam de bom mercado».

O domínio português no comércio internacional duraria até que holandeses e ingleses se posicionassem em muitos dos pontos estratégicos portugueses, entre 1580 e 1665. As duas potências do Atlântico Norte chegaram a assinar um acordo, em Londres, em 1619, através das suas Companhias das Índias Orientais, para esta operação de ‘limpeza’. Desde 1500, o comércio internacional teria crescido a um ritmo de 1% ao ano, segundo estudos de Michael D. Bordo, director do Centro para a História Monetária e Financeira, na Universidade norte-americana de Rutgers⁴. O número de multinacionais teria passado de umas 500 em 1600 para o dobro em 1700, segundo Alex MacGillivray.

A segunda vaga da globalização económica ocorreria a partir do Congresso de Viena, a seguir à derrota de Napoleão, nos primórdios do século XIX. O papel de abertura do Canal do Suez em 1869 marcou um ponto decisivo numa nova «passagem para a Índia».

Foi a época áurea do que se viria a chamar o «imperialismo», a partir do estudo feito, em 1902, por J. A. Hobson⁵. Michael D. Bordo refere que o comércio internacional teria crescido 3,5% ao ano até à eclosão da 1.^a

Guerra Mundial, em 1914. No campo do investimento directo estrangeiro, a Inglaterra, a potência global da altura, dominaria 50% desses fluxos em 1914, seguida da França com 20%, da Alemanha com 17%, dos EUA com 6,5% e da Holanda com 3%⁶. Nas vésperas da Guerra, o número de multinacionais seria de 3.000, seis vezes mais do que 300 anos antes.

O inglês sul-africano Cecil Rhodes (1853-1902), fundador da De Beers, director da British South Africa Chartered Company (1889), primeiro-ministro da colónia inglesa do Cabo (1890) e colonizador da região que viria a ser conhecida como Rodésia, diria no seu testamento político póstumo, também publicado em 1902⁷, esta frase lapidar do pensamento da época entre as potências: «O mundo está quase todo parcelado, e o que dele resta está sendo dividido, conquistado e colonizado. (...). Eu anexaria os planetas, se pudesse. Penso sempre nisso. Entristece-me vê-los tão claramente e, ao mesmo tempo, tão distantes».

Recorde-se que Rhodes foi, também, um dos maiores propagandistas contra o famoso «Mapa cor-de-rosa» – que abrangia toda a África Austral de costa-a-costa, entre Angola e Moçambique –, conseguido pelos negociadores portugueses nos acordos de 1885 e 1886 com a França e Alemanha. O *Ultimatum* inglês de 1890 conduziria a um recuo estratégico por parte do monarca português Carlos I e dos negociadores dos governos da altura, que aceitaram as exigências inglesas, o que liquidou o projecto de unir Angola a Moçambique.

O mesmo estudo de Michael D. Bordo aponta para uma terceira vaga a partir do ‘choque’ Nixon com o abandono do padrão ouro em 1971 (suspendendo a convertibilidade do dólar em ouro) e o fim, em 1973, do acordo de Bretton Woods (assinado em 1944 pelos Aliados), com a progressiva eliminação do controlo dos fluxos de capitais.

Mas a aceleração desta vaga dar-se-ia com três factos políticos posteriores de alcance global: a abertura da China em 1978, com as reformas económicas impulsionadas por Deng Xiaoping, a queda do Muro de Berlim em 1989 e a implosão do bloco mundial soviético (com ramificações e influência na Europa, Ásia, África e América Latina), e o início das reformas económicas na Índia em 1991.

O crescimento do número de multinacionais terá sido avassalador nos últimos vinte anos: 18.500 em 1980, para 30 mil uma década depois e mais de 64 mil na actualidade, segundo MacGillivray.

Mais recentemente, o ‘choque’ da revelação pela consultora Goldman Sachs de que a China, o principal «BRIC» (designação para as quatro potências emergentes, Brasil, Rússia, Índia e China), poderia transformar-se na primeira potência económica mundial no período de 2020 a 2040⁸, abriu a porta para que um especialista chinês, Zhibin Gu, designasse o seu país como o maior «globalizador» e o maior «teatro de negócios do mundo»⁹. Recentemente, a revista norte-americana *Fortune* incluiu, na sua lista anual das 500 maiores empresas do mundo, vinte sociedades chinesas e a consultora The Boston Consulting Group identificou 44 promessas chinesas entre os 100 «new global challengers», ou seja, entre as empresas que dominarão no futuro. Um tema que retomaremos brevemente nos Capítulos 8 e 10.

A Motivação

A motivação para a publicação deste livro deveu-se à grande curiosidade despertada sobre o tema após a apresentação do mesmo num seminário internacional («Globalization as Evolutionary Process»), realizado no IIA-SA (International Institute of Applied System Analysis), situado em Laxenburg, Áustria, em Abril de 2006, e patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian. O conteúdo científico descrito sucintamente nos Capítulos 1, 2 e 4 está publicado em detalhe no periódico científico *Globalizations*¹⁰.

Este livro é fruto de uma parceria entre dois autores com caminhos académicos e profissionais diferentes: um investigador científico de carreira internacional, nascido no Brasil e actualmente a trabalhar na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, e um português editor de portais e blogues na Web, autor de diversos livros e jornalista de temas de gestão e tecnologia, baseado em Lisboa. Reflecte, por isso, o cruzamento de duas abordagens complementares.

Lisboa e Covilhã, Março 2007

Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas

INOVAÇÃO & ESTRATÉGIA NA HISTÓRIA MODERNA

Dos Descobrimentos ao próximo choque de potências no século XXI

- Porque foram os Portugueses de Quatrocentos e Quinhentos pioneiros na Globalização?
- Porque deram «novos Mundos ao Mundo», como disse o maior poeta português?
- Qual foi o papel do Infante Henrique, «o Navegador», e do monarca João II, hoje recordados como «Grandes Portugueses»?
- Porque os espanhóis nos ‘roubaram’ Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães?
- O que matou o ciclo português?
- Porque se entusiasmou Fernando Pessoa com o «Quinto Império» e o mito sebastianista?
- Qual o segredo da diferença portuguesa?
- Repetirão os Estados Unidos o mesmo erro estratégico que levou ao fim do Império Português do Oriente?
- Será que a China, ao fim de 11 séculos, regressará à liderança?

No meio de um afã desmedido pela conquista de novas rotas comerciais e pelo controlo do negócio das *commodities*, o mais ocidental e periférico país europeu viu emergir um intento estratégico que lhe valeu o *lugar único de primeira potência global*. Nunca os imperadores mongóis ou chineses, nem os mercadores e estrategos das Repúblicas Marítimas italianas lá haviam chegado. Os que se seguiram ‘copiaram’ muito da experiência portuguesa. E ‘corrigiram’ os erros estratégicos.

A História não se engana: os Portugueses de Quatrocentos e Quinhentos, ao longo de um processo evolutivo de mais de cem anos, foram os pioneiros na inovação tecnológica e geoestratégica numa época de transição. Valeram-se do improvisado organizacional, de uma lógica incremental e de um pensamento «out-of-the-box». Souberam agarrar uma janela de oportunidade da História que não se repetiria. Este livro demonstra, com base numa investigação científica, a originalidade portuguesa.